

Ativistas e Los Indignados no início do século XXI: Uma análise introdutória sobre os movimentos Occupy Wall Street e Los Indignados (2011 – 2015)

Paulo Roberto Alves Teles¹

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo estabelecer um estudo histórico comparativo introdutório entre os movimentos de Indignados europeus e o Occupy estadunidense, utilizando como objeto comparativo, dois casos específicos: Los Indignados (Espanha) e Occupy Wall Street (Nova York) ambos iniciados em 2011. Nossas razões estão associadas a alguns pontos de convergência, entre eles se destacam: 1) Ambos iniciaram suas atuações no mesmo período; 2) Os dois possuíam espaços físicos em comum para as ações de seus manifestantes; 3) Os movimentos apresentaram como principal veículo de mobilização, a comunicação móvel realizada por aparelhos celulares e redes sociais; 4) Os membros desses movimentos são compostos em sua grande maioria por jovens; 5) Por fim, os movimentos não possuíam uma liderança clara ou pauta específica. Dessa forma, percebe-se que esses movimentos apresentaram um novo perfil de manifestante e também uma nova forma de atuação política. Em um novo tempo, nasce um novo ser humano.

Palavras-chave: Ativismo político, Movimentos Juvenis, História Comparada

Activists and outraged at the beginning of the XXI century: An introductory analysis of the movement Occupy Wall Street and Los Indignados (2011-2015).

Abstract: This research aims to establish an introductory comparative historical study of the movements of european *indignados* and occupy the us, using as a comparative object, two specific cases: Los indignados (Spain) and Occupy Wall Street (New York) both started in 2011. Our reasons are associated with some points of convergence, among them are: 1) both started their performances in the same period; 2) the two possessed physical spaces in common for the actions of their demonstrators; 3) movements presented as the main vehicle of mobilization, mobile communication performed by mobile phones and social networks; 4) the members of these movements are composed mostly by young people; 5) finally, the movements did not own clear leadership or specific agenda. Thus, it is clear that these movements had a new demonstrator profile and also a new form of political action. In a new time, a new born human being.

Keywords: political activism, youth movements, comparative history

Artigo recebido em 16/08/2017 e aprovado em 15/09/2017

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

I. A Indignação sai às ruas

Surgidos no mesmo ano (2011), os movimentos de rua, Occupy Wall Street e Los Indignados corresponderam a formas de manifestações diferentes ocorridas como resposta aos desdobramentos da crise de 2008. No entanto, antes de analisarmos algumas características desses movimentos é interessante abordar o conceito de Movimento Social que norteará, a princípio, o nosso trabalho:

(...) nós os vemos como ações sociais coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam distintas formas da população se organizar e expressar suas demandas. Na ação concreta, essas formas adotam diferentes estratégias que variam da simples denúncia, passando pela pressão direta (mobilizações, marchas, concentrações, passeatas, distúrbios à ordem constituída, atos de desobediência civil, negociações etc.), até as pressões indiretas. Na atualidade, os principais movimentos sociais, locais, regionais, nacionais e internacionais, e utilizam-se muito dos novos meios de comunicação e informação, como a internet (...).^{II}

Dito isto, o que se percebe de imediato é que, o alvorecer do século XXI proporcionou novos mecanismos de organização sociopolítica e através deles, novas ferramentas e estratégias de mobilização. A comunicação móvel, associada as redes sociais, potencializaram as manifestações e através desses recursos, proporcionaram o surgimento de um novo método de ativismo político.

Insatisfeitos com os prejuízos trazidos pela Crise de 2008, milhares de indivíduos saíram às ruas nos EUA, especialmente em Nova York, contra o mercado financeiro, cujo alvo específico fora Wall Street. O centro do financeiro mundial se tornou, para essas pessoas, o símbolo maior de práticas econômicas desleais que conduziram a sociedade americana ao colapso. Movidos por sua indignação, esses indivíduos ocuparam Zuccoti Park e questionaram a autoridade e o comportamento daquilo que David Harvey (2012) denominou *Partido Wall Street*, grupo financeiro que domina o cenário político econômico americano, quiçá mundial, a várias décadas. Para Harvey

(...) O Partido de Wall Street controlou os Estados Unidos sem dificuldade por tempo demais. Dominou completamente (em oposição a parcialmente) as políticas dos presidentes por pelo menos quatro décadas (para não dizer mais), independentemente de presidentes individuais terem ou não sido seus agentes por vontade própria. Corrompeu legalmente o Congresso por meio da dependência covarde dos políticos de ambos os partidos em relação ao poder do seu dinheiro e ao acesso à mídia comercial que controla (...).^{III}

Nesse sentido, sob o slogan “*We are 99%*” (Nós somos 99%)^{IV}, parte da sociedade americana se subleva contra o seu atual modelo econômico e exige por parte das suas autoridades políticas, mudanças imediatas em suas práticas econômicas e as suas ações políticas. Apesar de difuso, o movimento destoa de manifestações anti-globalizantes que o precederam, elemento o qual discutiremos mais adiante.

Do outro lado do Atlântico, mas também sob os efeitos da Crise de 2008, espanhóis também se sublevaram no mesmo ano que os americanos. Contudo, sua luta foi muito mais além do que uma contestação econômica, entre os *Indignados*^V ou movimento *15 de Maio* surgiu, após a convocatória de uma plataforma civil e digital *¡Democracia real Ya!*

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

(Democracia Real Já)^{VI}. Responsável por uma série de reuniões e ocupações públicas, além de propostas políticas e questionamentos contra o programa econômico do país, o Movimento 15-M possibilitou o nascimento do partido político *Podemos*. Composto por *jovens plugados* (usuários de redes sociais), o movimento faz duras críticas a tudo aquilo que representa o *establishment* espanhol, isto é, parlamento, partidos, sindicatos, empresas, igrejas e monarquia. Apesar da sua maior complexidade e profundidade quando comparado ao movimento Occupy Wall Street, entendemos que é possível construir uma análise histórico comparativa entre os dois movimentos.

Diante disso, alguns pontos de convergência, entre esses movimentos, podem ser destacados: 1) Ambos iniciaram suas atuações no mesmo período, Los Indignados (maio de 2011) e Occupy Wall Street (setembro de 2011); 2) Os dois possuíram espaços físicos em comum para as ações de seus manifestantes, Puerta de Sol (Madri), Praça Catalunha (Barcelona) e Zuccoti Park (Nova York). No caso americano, temos um aspecto profundamente interessante, uma vez que Zuccoti Park, formalmente chamado de Liberty Plaza Park não é um espaço público em si, ele corresponde a um espaço privado de uso público mantida pela empresa Brookfield Office Properties Inc. Com o início do movimento Occupy Wall Street, essa praça foi reivindicada como espaço público pelos manifestantes; 3) Os movimentos apresentaram como principal veículo de mobilização, a comunicação móvel realizada por aparelhos celulares e redes sociais; 4) Os membros desses movimentos são compostos em sua grande maioria por jovens; 5) Por fim, os movimentos não possuíram uma liderança clara ou pauta específica.

Dessa forma, percebe-se que esses movimentos apresentaram um novo perfil de manifestante e também uma nova forma de atuação política, a qual cobra das instituições medidas que solucionem problemáticas estruturais do mundo contemporâneo. Esse indivíduo, antes cidadão comum, agora ativista, tem o poder, via celular de registro do imediato e através disso, de mobilizar milhares e em alguns casos, milhões de pessoas para pressionar as autoridades e instituições públicas em prol da preservação dos seus direitos. Em um novo tempo, nasce um novo ser humano.

II. A Desigualdade como princípio

Em sua incômoda obra, *O Mal ronda a Terra: Um tratado sobre as insatisfações do presente* (2011), Tony Judt aponta que os últimos 30 anos tem sido marcados por um processo de desmantelamento das conquistas obtidas no pós-guerra. Em sua visão, a desconstrução do Estado de Bem-Estar Social, tanto político-econômica, quanto cultural foi caracterizada por processo sistemático de perda de confiança na relação entre indivíduos e entre este e o Estado. Em suas palavras “(...) Quanto mais igualitária for uma sociedade, maior a confiança. E não se trata apenas de renda: onde têm a vida e expectativas semelhantes, as pessoas costumam compartilhar o que podemos chamar de “perspectiva moral” (...)”^{VII}.

É fundamental destacar, que não se trata de uma diferença entre categorias sociais, mas sim num constante aumento da desigualdade entre as mesmas, sentido mais intensamente no espaço urbano. Esse processo também esteve relacionado a uma precarização dos serviços oferecidos pelo Estado e os seus custos tornaram a sua manutenção cada vez mais onerosa para os cofres públicos. Diante disso, a geração herdeira dos babyboomers (geração de indivíduos nascida no pós-guerra e principal beneficiária do Welfare State), especialmente por não ter vivido os anos de privação

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

existentes ao longo da Crise de 29 ou até mesmo da Segunda Guerra experimentado pelos seus pais, pôs em xeque a manutenção desse modelo de governança, questionando-o em sua eficiência e viabilidade. Esses jovens adultos dos anos 1960 mergulharam cada vez mais em um sentimento individualista que, passou a fazer sentido diante das crises econômicas assistidas ao longo dos anos 1970.

Sustentados por essa geração, governos, cuja ideologia era norteadada pelo pensamento neoliberal, adotaram medidas político-econômicas que delegavam a iniciativa privada, funções antes pertencentes ao Estado. Essas últimas, movidas pelo seu objetivo de lucratividade, e cientes de que em caso de má gestão, os governos utilizariam recursos públicos para ajuda-las, se sentiram seguras para diminuir a qualidade dos serviços em prol de uma maior redução dos custos. As demandas oferecidas não eram suficientes aos herdeiros dos babyboomers, os quais começaram a enxergar o Estado como obstáculo para a sua expressão e liberdade individual, o discurso por menos Governo e mais Liberdade ganha força no cenário cultural e por conseguinte, político-econômico.

Essa prática, assistida especialmente ao longo dos anos 1980-1990, foi caracterizada por uma intensa precarização dos serviços antes públicos. A população urbana, cada vez mais aglutinada em um espaço com péssima infraestrutura e baixos investimentos nesses mesmos serviços, acumulou ao longo desses últimos anos um sentimento de mal-estar generalizado também percebido pelo geógrafo David Harvey (2015). Recentemente, Harvey (2015) afirmou que vivemos sob um mal estar urbano generalizado, uma vez que, em suas palavras, “Nós estamos construindo cidades para investir, não para viver”.

Portanto, percebe-se um processo de abdicação dos compromissos morais atribuídos ao Estado. O governo se isenta da responsabilidade e a transfere para uma iniciativa privada desprovida de compromissos morais para com a sociedade e que vislumbra somente mecanismos mais eficazes de garantir a sua lucratividade. Não há então razões para que o indivíduo se sinta representado pelo sistema político, uma vez que, o mesmo está vinculado aos compromissos econômicos com as empresas que o financiaram. Há aqui uma ruptura clara e evidente entre Governo e sociedade civil. O resultado disso: uma sociedade debilitada e não-representada.

(...) Um governo que reconhece sua relutância em assumir tais responsabilidades, preferindo passa-las ao setor privado e deixa-las ao sabor dos caprichos do mercado, pode contribuir para o aumento de sua eficácia ou não. Mas estará abandonando as atribuições principais do Estado Moderno (...)^{VIII}.

Não são recentes os trabalhos que discutiram os efeitos da globalização sobre os indivíduos. Se a tomarmos como reflexo da Modernidade, encontraremos em Marshall Berman (1986) uma profunda e incômoda análise sobre os impactos da mesma no mundo contemporâneo. Berman (1986), ao retomar a frase emblemática de Marx (1999) “Tudo que é sólido se desmancha no ar”, acreditava que o homem teria, através das transformações promovidas ao longo da Modernidade, construído um mundo no qual ele teria sido capaz de dominar a natureza.

No entanto, a mesma Modernidade que trouxe aos homens esse poder, fora também responsável por escravizá-lo às suas próprias invenções. Isto é, os indivíduos foram assimilados por um mundo marcado por profundas contradições, que não só intensificou o processo de exploração, como também destruiu aspectos vinculados às tradições de comunidade e sociabilidade. Nesse sentido, esse *admirável mundo novo*, criou uma

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

multidão de indivíduos solitários imersos em processos exploratórios. De Francis Fukuyama (1992) a Paul Virilio (2000) a ideia de *modernidade* e sua relação com a História, a Filosofia e as Ciências Sociais adquiriu um caráter fluído e efêmero que permite discuti-la sobre vários aspectos, especialmente sobre um dos seus mais intrigantes: a Globalização.

Para Zygmunt Bauman (1999) a globalização teria transformado as antigas fronteiras geográficas em fronteiras socioculturais o que conseqüentemente resultaria numa alteração dos conceitos habituais de distância, proximidade e tempo. Nesse sentido, este fenômeno estaria associado ao enorme desenvolvimento dos meios de transporte assistido nos anos referentes a Revolução Industrial, a qual teria sido também responsável pelo melhoramento das formas de comunicação. De acordo com ele, “(...) *Desenvolveram-se de forma consistente meios técnicos que também permitiram à informação viajar independente dos seus portadores físicos (...)*”^{IX}

Mesmo assim, o autor não entende esse acontecimento como algo exclusivamente positivo, pois para ele, o excesso de informações que inundam a sociedade diariamente traria prejuízos para o seu processo de esclarecimento. Além disso, a construção de uma nova espacialidade no meio social e a construção de mecanismos que facilitariam a informação teriam sido responsáveis pelo afastamento das relações humanas e, por assim dizer, por uma crise nas relações de afeto. Esse novo distanciamento e conseqüentemente essa nova forma de organização social teriam auxiliado a minimizar determinados sentidos nas ações humanas.

As inquietações em relação a esse novo mundo também encontram reflexo na obra de Tony Judt (2010), o qual tece profundas críticas ao mundo contemporâneo que ele próprio descreveu como *materialista e egoísta*. De acordo com Judt (2010), esse mundo fora forjado a partir dos anos 80 e teria sido responsável pela construção de um comportamento obsessivo pela acumulação de riqueza, pelo culto a privatização e pela crescente desigualdade entre ricos e pobres. O autor considera que as transformações sociais e econômicas assistidas nos últimos trinta anos foram responsáveis por um processo de precarização dos serviços prestados a sociedade e ainda, por uma constante sensação de desesperança em relação ao futuro. Em suas palavras

(...) Razões para se estar revoltado não faltam: desigualdades crescentes em termos de oportunidades e riqueza; injustiças de classe e casta; exploração econômica interna e internacional; corrupção, dinheiro e privilégios obstruindo as artérias da democracia (...)^X.

Portanto, Judt (2010) nos apresenta em suas reflexões um novo mundo, o qual fora forjado sob as égides da insegurança e desigualdade. Mundo este que, cada vez mais, aspectos correspondentes aos direitos essenciais garantidos aos indivíduos pertencentes a sociedades democráticas estão cada vez mais dilapidados. Contudo, no alvorecer do século XXI, esses indivíduos despertaram e através de sua indignação tomaram as ruas para reivindicar os seus direitos já então precarizados.

Nesse sentido, o processo de fortalecimento da individualização defendida por economistas do livre-mercado e por uma geração de pessoas que o legitimaram, ao invés de fortalecer os segmentos e as instituições democráticas, apresentaram o efeito reverso. Pois, o que se percebeu nos últimos anos foi o fortalecimento dos mecanismos de vigilância e proteção a instituições privadas realizadas pelo Governo, isto é, o desmantelamento dos serviços públicos em benefício da iniciativa privada, além de

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

segregar a sociedade, contribuíram para o fortalecimento de práticas autoritárias, um bom exemplo, corresponde aos mecanismos de controle e dispersão utilizados pelas forças públicas contra as manifestações de rua em prol de direitos civis. Um outro bom exemplo, reside na redução da participação dos indivíduos no processo de eleições de representantes para o Parlamento europeu, o que evidencia uma gradativa crise no sistema político democrático movida pela descrença dos cidadãos no próprio modelo que elege os seus representantes

Portanto, essa descrença generalizada em relação ao sistema político e o sentimento de falta de representatividade com o governo e os partidos políticos que o compõe teriam sido o veículo motor necessário para no final dos anos 2000, cidadãos comuns, herdeiros desse processo histórico de dismantelamento do Estado fornecedor de direitos civis e sociais, transbordassem o seu mal-estar e saíssem às ruas.

(...) Em nossa vida política, assim como na econômica, fomos transformados em consumidores: escolhemos dentre uma ampla gama de objetivos competitivos, mas encontramos dificuldade em imaginar maneiras ou razões para combiná-los num conjunto coerente. Precisamos ir além. (...)^{XI}.

Nesse sentido, as manifestações surgidas nesse novo século buscariam, entre outras demandas, defender ou ao menos reconstruir preceitos democráticos, como o acesso a direitos sociais constitucionalmente garantidos, fragilizados em prol de ganhos econômicos privados. Os movimentos de rua seriam correspondentes à pressões sociais em prol da defesa da democracia, ameaçada pelos malefícios de uma globalização excludente, ou seja, são manifestações de estranhamento perante o cenário atual. Para Slavoj Žižek (2012), um dos principais ideólogos do movimento Occupy Wall Street, a ocupação de espaços públicos corresponderiam a retomada de posicionamentos políticos até então adormecidos. Estes teriam se iniciado a partir de movimentos alter-globalizantes surgidos no final dos anos 1990 em Seattle, que ganharam corpo com a criação de Fóruns Sociais Mundiais. No entanto, é necessário destacar que diferentemente desses movimentos alter-globalizantes, isto é, movimentos que buscam apresentar propostas alternativas à globalização, como ressalta Maria da Glória Gohn

(...) O Occupy não tem alvo fixo, enquanto os manifestantes de Seattle elegeram as reuniões de cúpula internacional (OMC, FMI, etc.). E Seattle aconteceu em momento de alta e boom do capitalismo ocidental; Wall Street não, aconteceu durante um momento de profunda crise. (...)^{XII}

Portanto, é interessante destacar que esses movimentos pertencem a um período de estranhamento ou inquietude assistido no alvorecer do século XXI como ressaltou Alain Touraine (2002). Dessa maneira, as manifestações surgidas seriam um mecanismo de pressão social perante as autoridades e lideranças políticas, especialmente por essas, sejam elas indivíduos, sindicatos ou partidos, não inspirarem mais confiança entre esses manifestantes. Como ressaltou Žižek “(...) *os manifestantes perceberam que por um longo tempo permitiram que seus compromissos políticos também fossem terceirizados – e querem-nos de volta (...)*”^{XIII}. A ideia de inquietação também fora ressaltada pelo historiador Robert Darnton (2011). Para ele, esses movimentos são frutos da inquietude das pessoas perante os problemas contemporâneos, Darnton (2011) avalia que o movimento Occupy Wall Street teria sido fruto de uma inquietação social, a qual teria alcançado

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

segmentos dos mais diversos setores sociais, incluindo a classe média americana, afetada pela crise de 2008. Em suas palavras “(...) *Os protestos devem ser levados a sério. Não como uma ameaça de qualquer tipo de agitação revolucionária, mas como um sinal de inquietação profunda (...)*”^{xiv}.

Francisco Carlos Teixeira da Silva (2013) também se dedicou a analisar esses movimentos. Utilizando-se de métodos histórico comparativos, o autor destacou alguns pontos em comum entre os movimentos ocorridos nos EUA, Europa e Mundo Árabe. Silva (2013) destaca que os manifestantes presentes nesse movimento pertencem, em larga medida, a uma faixa etária inferior aos 21 anos e muitas vezes integram grupos étnicos marginalizados. Outro aspecto marcante incide na falta de preparo das forças policiais no tratamento desses movimentos, que muitas vezes resultou na brutal violência contra os manifestantes.

Dessa maneira, existe aqui um perfil de manifestante a ser pesquisado: Jovem, marginalizado e sem perspectiva em pleno mundo contemporâneo. Silva (2013) ainda aponta que nos casos Los Indignados (Espanha) e Occupy Wall Street (EUA) há uma enorme proximidade no que se refere “(...) *um sentido de inutilidade e de ausência de perspectivas, de perda de esperanças diretamente relacionados com as políticas públicas incapazes de criar empregos (...)*”^{xv}.

Portanto, diante do que foi exposto, a inquietação latente em relação às transformações socioeconômicas trazidas pelos reflexos da globalização estão presentes em vários ramos das Ciências Humanas e ainda, se citarmos, produções fílmicas como *The Edukators* (2004) de Hans Weingartner e os documentários produzidos por Michael Moore, perceberemos que de fato, há um enorme sentimento de inquietude no despertar do século XXI.

Em suas discussões sobre os movimentos surgidos no século XXI, Manuel Castells (2013) retoma os princípios presentes também discutidos por Jünger Habermas (2012) ao enfatizar a capacidade de comunicação entre os participantes e simpatizantes dos movimentos. A concepção do *agir comunicativo* é fundamental para o esclarecimento de seus componentes, os quais são capazes de destituir a mídia tradicional televisiva como única e exclusiva narradora dos eventos ocorridos naquele período. Além disso, a perda de credibilidade por parte desse jornalismo é resultado da capacidade comunicativa proporcionada pela internet. Portanto, a construção de novas mentalidades através desse *agir comunicativo* possibilitou nesses movimentos propostas, cujo cerne é reinventar a Democracia. Não se trata de destruir o Capitalismo, mas sim repensá-lo, reestruturar toda a Revolução Industrial se necessário. Visto que, as organizações político-partidárias e as suas respectivas instituições cederam aos interesses dos mercados financeiros e de grupos plutocratas dominantes, e exatamente por isso, perderam não só a credibilidade como também a sua representatividade perante os indivíduos. Portanto, repensar a Democracia através de uma nova mentalidade é fundamental para a gestação de uma sociedade menos desarmônica. Possivelmente, um sistema político que supere a convallescida Democracia Representativa, uma possibilidade seria a construção de um sistema político mais participativo e transparente, capaz de fortalecer os vínculos de compromisso entre o indivíduo e o Estado e, entre o Governo e a sociedade civil

Dito isto, qual o sentido de reunir movimentos sociopolíticos ocorridos em diferentes espaços e compostos por diferentes pessoas? Nas palavras de José D’Assunção Barros (2007): *comparar é uma forma específica de propor e pensar as questões*. Uma vez que a observação do singular nos permite perceber sua regularidade.

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

III. A Histórica Comparada como método

O trabalho aqui proposto nos impõe alguns desafios teórico-metodológicos. Para realiza-lo é necessário estabelecer conceitos teóricos norteadores os quais guiarão a pesquisa. Primeiramente, como o trabalho pretende realizar uma comparação entre movimentos de regiões distintas num mesmo momento histórico, é fundamental discorrermos sobre o método Histórico Comparativo.

No artigo, *Comparison and beyond* (2003), o historiador alemão Jünger Kocka nos traz alguns dilemas e obstáculos enfrentados pela História Comparada. Kocka (2003) argumenta que a História Comparada é um vasto campo da História a ser explorado em virtude de suas inúmeras vantagens. Heuristicamente, ela nos permite, a partir da análise do outro, uma melhor compreensão de si. Seja através das similitudes, seja através das prováveis divergências. Em suas palavras “(...) *abordagens comparativas apenas enfatizam e, particularmente, fazem manifestar o que é implícito em qualquer tipo de trabalho histórico: um forte componente seletivo e construtivo. (...)*”^{xvi}.

Portanto, a história comparativa nos permite uma construção discursiva através da alteridade e, especialmente quando se compreende ela enquanto fenômeno histórico, e com isso, permite uma melhor compreensão sobre aspectos relacionados a identidade. Descritivamente, a História Comparada possibilitaria o acesso aos elementos mais peculiares dos objetos de estudo selecionados. Analiticamente, ela poderia nos apresentar razões ou justificativas precedentes que auxiliariam o pesquisador na construção histórica e explicativa de determinado evento.

Portanto, para os historiadores que buscam respostas de origem e causais, a História Comparada se apresenta como ferramenta metodológica basilar. Uma vez que, Paradigmaticamente, ela possibilitaria ao historiador perceber os eventos históricos para além das fronteiras preestabelecidas pela sua região e conseqüentemente, apreender em determinados fenômenos manifestações e influências em regiões e povos distintos.

Charles Mayer (1992-1993), em *La Historia Comparada*, aponta opiniões que seguem o mesmo sentido discutido pela abordagem realizada por Kocka (2003), comparar é antes de tudo, um ato de busca por regularidades e particularidades, pois através disso, é possível traçar estudos que apresentem a construção do processo histórico no qual está imerso o objeto selecionado. De acordo com ele, “(...) *En base al presupuesto de que uno de los fines principales de la historiografía comparada es el de descubrir regularidades o reglas de desarrollo (...)*”^{xvii}. E ainda destaca que, é preciso muito cuidado durante a utilização dessa metodologia, uma vez que é muito atrativo incorrer em generalizações e fixação de leis como explicação para os eventos históricos. Assim, comparar os indignados espanhóis e os ocupantes de Wall Street, é, sobretudo, um esforço em estudar os movimentos dentro do processo histórico de construção de um novo perfil de ativismo político.

Por isso, é necessário destacar que a História Comparada não tem como pretensão reunir os eventos históricos em uma única linha de raciocínio. Mas sim, compreendê-los como eventos independentes que se reúnem a partir de suas semelhanças e divergências. Isto é, ela propõe a abordagem sobre duas ramificações históricas que não se cruzariam obrigatoriamente, mas que ainda assim, podem explicar fenômenos históricos ocorridos em sua própria história local.

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

Nesse sentido, a pesquisa tem como proposta promover uma análise sobre o ativista político no século XXI, a partir de uma abordagem histórico-comparativa entre os movimentos específicos selecionados. Portanto, se comparar correspondeu à época de Bloch, a percepção que para além dos sentimentos ultranacionalistas que cegavam o horizonte dos homens, havia muito mais elementos que os aproximavam enquanto seres humanos, do que disputas vãs que porventura pudessem os distanciar, em nossa época comparar pode nos ser útil para a compreensão de posturas e práticas políticas tão atuantes no cenário mundial. O que nos leva a outro desafio: Qual é o cenário mundial responsável pelo surgimento desse novo ativismo?

A retomada do debate levantado pela obra "O direito à cidade" de Henry Lefebvre (2001) tem sido destaque nos últimos anos, uma vez que os movimentos e as propostas políticas discutidas no Maio de 68 perderam espaço para uma cultura excessivamente individualista nascida em meados dos anos 70 e que se tornou preponderante nos últimos anos. Essa é a constatação de David Harvey (2012), que aponta no processo de exclusão social desencadeado por políticas econômicas que beneficiaram setores especulativos e o mercado financeiro o epicentro para as problemáticas sociais dos nossos dias: "(...) *vivemos num mundo onde os direitos de propriedade privada e a taxa de lucro se sobrepõem a todas as outras noções de direito (...)*"^{xviii}.

Para o autor, a liberdade de construir um processo de urbanização que atendesse às demandas coletivas foi vilipendiada por interesses econômicos protegidos pelas mais diversas instituições políticas, sejam delas democráticas ou não. Dessa maneira, direitos sociais como moradia foram postos de lado em prol da especulação imobiliária, o transporte público fora sucateado em benefício da indústria automobilística, a segurança pública substituída pela privativa, dentre outros inúmeros exemplos (educação, saúde, condições de trabalho etc). E como coroação de todo esse processo está a desigualdade que é responsável pela formação de bolsões de pobreza nas mais diversas cidades do mundo. Sejam eles favelas, projects (moradias populares inglesas) ou cités (guetos franceses), a razão formadora deles é a mesma, a desigualdade, muitas vezes alimentada, pelo desejo insaciável de lucro promovido por Bancos e Agências Financeiras.

A percepção da desigualdade pelos cidadãos residentes nesses espaços urbanos teria sido o elemento de indignação para os primeiros protestos, uma vez estes sendo viralizados (termo designado para o fenômeno de alto compartilhamento de conteúdo nas redes sociais) promoveriam a insurgência de vários outros indivíduos e a exigência por outras e mais diversas bandeiras. O cidadão comum, torna-se ativista e nesse processo de metamorfose ele vai de encontro aos malefícios trazidos por uma globalização excludente:

(...) Os protestos, em seu conjunto, não são partidários, conduzidos por um grupo ou partido ou mesmo claramente explicitados em uma plataforma. Emergem de uma condição de mal-estar difusa e sistêmica. Por isso mesmo, os protestos são altamente explosivos (...)^{xix}.

É interessante destacar que a crise econômica nascida em 2008 não deve ser vista como única razão motivadora para o despertar do sentimento de indignação. Há de fato um sentimento de estranhamento em curso, que tem provocado o surgimento de movimentos alter ou antiglobalizantes desde os anos 1990 e questionado modelos de vida instituídos pela agenda neoliberal e marcados por profundo comportamento consumista. Esses movimentos tem se organizado desde então a partir de iniciativas como o Fórum Social Mundial e ocupações de espaços públicos. No entanto, é bem verdade que a crise atual

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

acelerou o processo de entrada de indivíduos, antes indiferentes a esses movimentos, nas manifestações de rua ocorridas pós crise de 2008, como constata Maria da Glória Gohn (2013) “*De simpatizantes da causa, os sujeitos que atendem às chamadas para os atos de protesto poderão se tornar ativistas de um novo movimento social*”. Especialmente quando estes contrastavam as suas precárias condições de vida diante dos benefícios e privilégios garantidos a membros do governo ou de outros setores da sociedade através de práticas corruptas ou minimamente questionáveis.

O segundo desafio teórico-metodológico reside na atualidade do tema proposto. Para isso, utilizaremos dos conceitos e definições propostos pela História do Tempo Presente.

Têm-se como jargão máximo e senso comum que o papel do historiador consiste no estudo do passado para a compreensão do presente. Ainda que essa abordagem apresente-se como óbvia, é fundamental afirmar que desde Marc Bloch a concepção de presente e passado, especialmente no que se refere ao tratamento dado pelo historiador que o aborda é intrínseca. Em seus trabalhos, Bloch (2012) vislumbrou a possibilidade de considerar que os escritos do historiador são norteados pelo presente no qual ele está imerso. Portanto, o discurso histórico é direcionado pelas problemáticas vivenciadas pelo autor, o que transformaria a História num estudo essencialmente do presente e dos mecanismos sociais, políticos, econômicos e culturais que corroboraram para a construção desse momento analisado pelo historiador, muito embora, consideremos que a forma de elaboração dessa análise seja também reflexo do período no qual ela fora construída. Ao publicar seus trabalhos em 1928, Marc Bloch buscava combater sentimentos nacionalistas nefastos que haviam conduzido os europeus a Primeira Grande Guerra, na visão dele, a melhor forma de evitar esses sentimentos era enxergar semelhanças e particularidades a partir de comparações de seus processos históricos. Isto é, reforçar a alteridade, é antes de tudo, fundamentar o respeito mútuo entre os povos.

A construção do passado ou produção da memória sobre ela deve ser realizada a partir de uma confluência de informações e, sobretudo, de uma metodologia capaz de compreender o “tempo” histórico no qual ela foi produzida e no qual ela será divulgada. José D’Assunção Barros (2007) entende que “(...) *A comparação neste momento – diante do desafio ou da necessidade – impõe-se como método. Trata-se de iluminar um objeto ou situação a partir de outro* (...)”^{xx}.

Diante disso, consideramos que a compreensão dos movimentos selecionados acima e o estudo de suas semelhanças e particularidades, através do método histórico comparativo nos permitiria discutir a configuração das ações políticas, que no século XXI não perpassam mais necessariamente a liderança partidária.

Portanto, entendemos que os movimentos são multilaterais e difusos, além de ter potencial para mobilizar qualquer segmento da sociedade, o que torna qualquer cidadão comum, pertencente a uma sociedade precarizada em direitos, em serviços e ações governamentais, num ativista em potencial. Essa enorme imprevisibilidade não só provocou o desequilíbrio de partidos políticos tradicionais, como também estabeleceu exigências e mudanças de comportamento por parte dos governos e instituições privadas, Bancos e agências financiadoras principalmente.

Como então estudar esses movimentos quase que espontâneos? Uma das alternativas buscadas possíveis para a pesquisa consiste na coleta de dados a partir dos editoriais dos jornais The New York Times e El País publicados sobre os movimentos de rua selecionados nessa pesquisa, os quais apresentam a visão que os mais respeitados

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

veículos da imprensa dos respectivos países publicaram sobre esses eventos e que também foram produzidos no mesmo período (2011-2015).

Ambos os jornais possuem um posicionamento, considerado por nós, autônomo e politicamente independente, ao ponto de nos permitir múltiplas visões sobre os movimentos. Em contraste à algumas publicações de obras por integrantes e lideranças do movimento, é possível utilizar *Los Indignados: El rescate de la política* (2012) e *The end of protest: a new playbook for revolution* (2016)

Sob o título de *Wall Street Protest Begins, With Demonstrators Blocked* (2011), o jornal *The New York Times* realizou a sua primeira publicação sobre o movimento Occupy a partir de inquietações e problemas contemporâneos. Em sua primeira reportagem, o jornal *The New York Times* o interpreta como uma manifestação de indivíduos irritados com as práticas realizadas pelo seu sistema financeiro. Mais tarde, em seu editorial publicado no dia 08 de outubro a sua interpretação já apresenta um caráter mais crítico e profundo ao tratar a ocupação da Zuccoti Park como um movimento contra a falta de perspectivas da sociedade americana, vejamos abaixo:

(...) At this point, protest is the message: income inequality is grinding down that middle class, increasing the ranks of the poor, and threatening to create a permanent underclass of able, willing but jobless people. On one level, the protesters, most of them young, are giving voice to a generation of lost opportunity (...)^{XXI}

No caso espanhol, iniciado em 15 de maio de 2011, data essa responsável por identificar o movimento Los Indignados como 15M, o jornal *El País* publicou “(...) *Ni Ni-Nis, ni violentos, ni ciudadanos solo a golpe de ratón. Jóvenes concienciados con las libertades civiles se levantaron para encabezar una protesta que persigue un gran cambio. (...)*” (ELOLA, 2011)^{XXII}. José D’Assunção Barros afirma que (...) *Se o historiador necessariamente trabalha com fontes, com textos – sejam estes textos verbais ou outros tipos de discurso – isso o obriga indelevelmente à comparação (...)*^{XXIII}.

Algumas possibilidades de fontes para o desenvolvimento do estudo podem ser visualizadas abaixo

Acervo *The New York Times* obtido até o momento:

- 1) **THE NEW YORK TIMES, Protesters against Wall Street**. Nova York, p. SR 10, 08 out. 2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/10/09/opinion/sunday/protesters-against-wall-street.html>> Acesso 10 mar 2014;
- 2) **THE NEW YORK TIMES, A Good Approach on Wall Street**. Nova York, p. A30, 24 out 2011. Disponível em <http://www.nytimes.com/2011/10/25/opinion/a-good-approach-on-wall-street.html?_r=1&partner=rssnyt&emc=rss> Acesso em 10 mar 2014;
- 3) **THE NEW YORK TIMES, Occupying the National Debate**. Nova York, p. A18, 04 nov 2011. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2011/11/05/opinion/occupying-the-national-debate.html?mtrref=undefined&gwh=3CA51288A52FD5C5F38063B38A40BD61&gwt=pay&assetType=opinion>> Acesso 10 maio 2014;

**ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE
INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS
INDIGNADOS (2011 – 2015)**

PAULO ROBERTO ALVES TELES

- 4) THE NEW YORK TIMES, **The Mayor Confronts the Protesters**. Nova York, p. A34, 15 nov 2011. Disponível em <
<http://www.nytimes.com/2011/11/16/opinion/mayor%ADbloomberg%ADconfronts%ADoccupy%ADwall%ADstreet.html>> Acesso 10 maio 2014;
- 5) THE NEW YORK TIMES. **Occupy Honolulu**. Nova York, p. A28, 20 nov 2011. Disponível em <
<http://www.nytimes.com/2011/11/21/opinion/occupy%ADhonolulu.html>> Acesso 10 maio 2014;
- 6) THE NEW YORK TIMES. **Police and the Press**. Nova York, p. A18, 25 nov 2011. Disponível em <
<http://www.nytimes.com/2011/11/26/opinion/police%ADand%ADthe%ADp>> Acesso 10 maio 2014;
- 7) THE NEW YORK TIMES. **The State of the Union in 2012**. Nova York, p. A28, 24 jan 2012. Disponível em <
<http://www.nytimes.com/2012/01/25/opinion/the%ADstate%ADof%ADthe%ADunion%ADin%AD2012.html>> Acesso 10 jun 2014;
- 8) THE NEW YORK TIMES. **Police Powers in New York**. Nova York, p. SR10, 17 mar 2012. Disponível em <
<http://www.nytimes.com/2012/03/18/opinion/sunday/police%ADpowers%ADin%ADnew%ADyork.html>> Acesso 10 jun 2014.

Acervo El País obtido até o momento:

- 1) EL PAÍS. **El triunfo de los perdedores**. Madri, 28 jun 2011. Disponível em <
http://politica.elpais.com/politica/2011/06/28/actualidad/1309290149_538581.html> Acesso 10 jul 2014;
- 2) EL PAÍS. **Unos 1.500 indignados vuelven a cercar Sol en um intento de entrar a la plaza**. Madri, 04 ago 2011. Disponível em <
http://politica.elpais.com/politica/2011/08/03/actualidad/1312382709_989398.html> Acesso 10 jul 2014;
- 3) EL PAÍS. **Los indignados retoman Sol**. Madri, 05 ago 2011. Disponível em <
http://politica.elpais.com/politica/2011/08/05/actualidad/1312554388_988541.html> Acesso 10 jul 2014;
- 4) EL PAÍS. **Decenas de miles de indignados toman la calle em Barcelona**. Barcelona, 15 out 2011. Disponível em <
http://elpais.com/elpais/2011/10/15/actualidad/1318666620_850215.html> Acesso 10 jul 2014;
- 5) EL PAÍS. **América toma el relevo de las protestas**. Madri, 15 out 2011. Disponível em <
http://internacional.elpais.com/internacional/2011/10/15/actualidad/1318670174_243153.html> Acesso 10 jul 2014.

Sítios a serem consultados:

- 1) <http://www.democraciarealya.es/>;
- 2) <http://occupywallst.org/>.

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

Obras a serem consultadas:

- 1) ROSENMANN, Marcos Roitman. **Los indignados. El rescate de la política**. Madri: Akal, 2012;
- 2) WHITE, Micah. **The end of protest: a new playbook for revolution**. Nova York: Knopf Canadá, 2016.

A partir do cruzamento desses dados, buscamos encontrar e construir o perfil dos indivíduos que estão se manifestando e compreender as razões que o levaram às ruas, além de seus mecanismos de mobilização. Uma vez concluída essa tarefa, poderemos então promover a comparação entre os movimentos e dessa maneira, estudar suas particularidades e semelhanças, para então assim responder nossas perguntas norteadoras: Por que e como pessoas comuns viventes nesse novo século se transformaram num novo modelo de ator político internacional, o ativista?

IV. Considerações finais

O alvorecer do século XXI trouxe consigo uma inquietação perante as transformações mundiais ocorridas pós-guerra fria. Diante da crise iniciada em 2008, problemas já então existentes se tornaram ainda mais dramáticos em inúmeros modelos sociais. Dessa maneira, indivíduos aparentemente comuns, movidos por uma indignação enraizada ao longo dos anos e alimentada por incontáveis processos de vilipêndiação dos seus mais diversos direitos sociais, superaram a apatia e até mesmo o medo ao sair às ruas.

Suas manifestações transmitidas quase que de maneira simultânea por aparelhos móveis contagiaram milhares de pessoas e foram responsáveis pelo despertar de um novo ator político de transformação histórica: o ativista.

Ainda que sem pauta ou agenda definida, esses atores políticos carregam consigo o símbolo de indignação contra uma realidade cada vez mais excludente e concentracionista, portanto, o legado desses novos atores políticos reside no questionamento das estruturas políticas e sociais pré-existentes.

O acervo de fontes citados acima evidenciam a potencialidade da pesquisa a ser realizada. Nesse sentido, a partir das informações obtidas por essas fontes, vislumbramos a possibilidade de identificar práticas e perfis desses novos mecanismos de atuação política manifestadas nos movimentos de rua surgidos nos últimos anos. Obviamente, entendemos que quaisquer análises produzidas ainda serão bastante introdutórias, mas ainda assim possibilitariam a construção de uma lente de aumento para discutir e, quiçá esclarecer, problemáticas ainda mais complexas, uma vez que, as transformações e manifestações sociais podem ser compreendidas como reflexos de outros múltiplos eventos políticos, econômicos e culturais.

^{II} Doutorando em História Comparada pela UFRJ e integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/CNPq-UFS). Orientador Dilton Cândido Santos Maynard. pauloteles_aju@hotmail.com;

^{III} GOHN, Maria da Glória. Os Jovens e as praças dos Indignados: Territórios de cidadania. In: **Revista Brasileira de Sociologia volume 1**, número 2, jul-dez./2013, p.13.

^{IV} HABERMAS, Jünger. **Teoria do Agir comunicativo V.1**. São Paulo: ed. WMF Martins Fontes, 2012, p.57

^V Tradução nossa;

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

- ^v O termo Indignados tem sido utilizado por uma série de intelectuais, dentre eles David Harvey (2012), Slavoj Žižek (2012) e Maria da Glória Gohn (2013), para se referir aos movimentos de rua ocorridos a partir de 2011, na nossa pesquisa o termo será utilizado para o movimento espanhol;
- ^{vi} Disponível em <<http://www.democraciarealya.es/>>. Acesso 17 out 2015;
- ^{vii} JUDT, Tony. **O Mal ronda a Terra: Um tratado sobre as insatisfações do presente**. ed Objetiva. Rio de Janeiro, 2011, p.70.
- ^{viii} Ibidem, p.114
- ^{ix} BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p.21
- ^x JUDT, Op.Cit. p.21
- ^{xi} Ibidem, p.130
- ^{xii} GOHN, Op.Cit., p.130
- ^{xiii} ŽIŽEK, Slavoj. O violento silêncio de um novo começo. In: **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: ed. Boitempo. 2012, p.18
- ^{xiv} DARTON, Robert. Ocupe Wall Street não traz "agitação revolucionária". **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 1, 13 de out. 2011, p.1,
- ^{xv} SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Jovens, Indignados e Rebeldes: Uma abordagem comparativa. In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos. MAYNARD, Andreza Santos Cruz (org). **Visões do Mundo Contemporâneo – Vol 2**. São Paulo: LP – Books, 2013, p.47
- ^{xvi} (KOCKA, 2003, p. 4);
- ^{xvii} MAIER, Charles. La historia comparada. *Studia historica*. **Historia contemporânea**, n. 10-11, p. 11-32, 1992-1993, p.14
- ^{xviii} HARVEY, 2008, p. 01.
- ^{xix} SILVA, Op.Cit. p.28
- ^{xx} BARROS, José D'Assunção. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a História. **Revista de História Comparada volume 1, número 1, jun./2007**, p.09
- ^{xxi}“(...) Neste ponto, o protesto é a mensagem: desigualdade de renda é achatar a classe média, aumentando as fileiras dos pobres e ameaçando criar uma subclasse permanente de poder, pessoas dispostas mas sem emprego. Por um lado, os manifestantes, a maioria deles jovens, estão dando voz a uma geração de oportunidade perdida (...)” Tradução nossa; (The New York Times, p. SR10, 2011);
- ^{xxii}“(...) Ni-Ni-Nis, nem violentos, nem cidadãos por acaso. Jovens conscientes das liberdades civis levantaram-se para liderar um protesto, em busca de uma grande mudança (...)” Tradução nossa.
- ^{xxiii} História comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **História Social – Revista dos Pós-Graduandos em História da Unicamp**. São Paulo, n.13, 2007, p.16

Referências

ALVES, Giovanni. Ocupar Wall Street... e depois? In: ALI, Tariq; DAVIS, Mike; HARVEY, David. **Rebels Cities: From the Right to the City to the Urban Revolution**. London – New York. ed. Verso, 2012.

Harvey, David (et al). **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. Trad. João Alexandre Peschanski (et al). São Paulo. Boitempo, Carta Maior, 2012.

BARROS, José D'Assunção. História Comparada – Um novo modo de ver e fazer a História. **Revista de História Comparada volume 1, número 1, jun./2007**. Disponível em <<http://revistas.ufrj.br/index.php/RevistaHistoriaComparada/article/view/144/136>>. Acesso em 04 mar 2015.

_____. História comparada – da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico. **História Social – Revista dos Pós-Graduandos em**

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE
INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS
INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

História da Unicamp. São Paulo, n.13, 2007; Disponível em <<http://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/207>> Acesso 13 mar. 2015.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as conseqüências humanas.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BERMAN, Marshall; MOISES, Carlos Felipe; IORIATTI, Ana Maria L (tradução). **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade.** São Paulo: ed. Companhia das Letras, 1986.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: ed. Jorge Zahar, 2002.

CASTELLS, Manuel. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet.** Rio de Janeiro. ed. Zahar, 2013;

DARTON, Robert. Ocupe Wall Street não traz "agitação revolucionária". **Folha de São Paulo.** São Paulo, p. 1, 13 de out. 2011. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft1310201110.htm>>. Acesso 13 jan. 2015.

FUKUYAMA, Francis. **O fim da história e o último homem.** Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

GOHN, Maria da Glória. Os Jovens e as praças dos Indignados: Territórios de cidadania. **Revista Brasileira de Sociologia volume 1, número 2, jul-dez./2013.** Disponível em <<http://www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/view/48>> Acesso em 06 maio 2015.

_____. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e Praças dos Indignados no mundo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais.** Petrópolis, RJ: ed Vozes, 2013;

HABERMAS, Jünger. **Teoria do Agir comunicativo V.1.** São Paulo: ed. WMF Martins Fontes, 2012.

HARVEY, David. PINHEIRO, Jair (tradutor). **O direito à cidade.** Disponível em <<http://www4.pucsp.br/neils/downloads/neils-revista-29-port/david-harvey.pdf>> Acesso 20 fev 2015.

_____. **Nós estamos construindo cidades para investir, não para viver.** Disponível em <<http://portal.aprendiz.uol.com.br/2015/06/10/david-harvey-nos-estamos-construindo-cidades-para-investir-nao-para-viver/>> Acesso 10 jul 2016.

ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE
INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS
INDIGNADOS (2011 – 2015)

PAULO ROBERTO ALVES TELES

_____. PESCHANSKI, João Alexandre (tradutor). **Os rebeldes na rua: O Partido de Wall Street encontra sua nêmesis**. in: *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo Boitempo: Carta Maior, 2012;

JUDT, Tony. **O Mal ronda a Terra: Um tratado sobre as insatisfações do presente**. ed Objetiva. Rio de Janeiro, 2011.

KOCKA, Jürgen. Comparison and beyond. **History and theory** 42: 39-44, feb. 2003. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/223375801/KOCKA-Jurgen-Comparacao-e-Alem>>. Acesso em 18 abril 2015.

LEFEVBRE, Henry. **O direito à cidade**. ed Centauro. São Paulo, 2001.

MAIER, Charles. La historia comparada. **Studia historica. Historia contemporânea**, n. 10-11, p. 11-32, 1992-1993;

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. (2013). **Cibercultura e extremismos: notas sobre Brasil e Argentina no tempo presente**. *Sociedad y discurso*, AAU, (23), 148-170;

_____. (coord.). MOURA, Luyse. SÁ, Katty Cristina Lima. SILVA, Diego Leonardo Santana. **Enciclopédia Eletrônica Da Intolerância, dos Extremismos e das Ditaduras no Tempo Presente**. Originalmente apresentada como Projeto de Pesquisa – Universidade Federal de Sergipe, 2013 – 2014.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da. Jovens, Indignados e Rebeldes: Uma abordagem comparativa. In: MAYNARD, Dilton Cândido Santos. MAYNARD, Andreza Santos Cruz (org). **Visões do Mundo Contemporâneo – Vol 2**. São Paulo: LP – Books, 2013.

TELES, Paulo Roberto Alves. **As representações de intolerância e de grupos juvenis no século XXI a partir da produção cinematográfica contemporânea**. São Cristóvão, Sergipe. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Sergipe, 2013.

_____. **Películas, hooligans & skinheads: Representações da Intolerância no cinema do século XXI**. São Cristóvão, Sergipe. Originalmente apresentada como trabalho de conclusão de curso – Universidade Federal de Sergipe, 2010.

TOURAINÉ, Alain. O Eixo da Inquietude. **Folha de São Paulo**. São Paulo, p. 1, 10 de out. 2002; Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1003200203.htm>>. Acesso 10 jan. 2015.

VIRILIO, Paul. **Cibermundo: a política do pior**. Lisboa: Teorema, 2000.

**ATIVISTAS E LOS INDIGNADOS NO INÍCIO DO SÉCULO XXI: UMA ANÁLISE
INTRODUTÓRIA SOBRE OS MOVIMENTOS OCCUPY WALL STREET E LOS
INDIGNADOS (2011 – 2015)**

PAULO ROBERTO ALVES TELES

WEINGARTNER, Hans. **The Edukators**. [Filme-vídeo]. Produção Y3 Film, Coop 99, Südwestrundfunk (SWR). Alemanha, 2004. DVD, 127 min. color, son.

ŽIŽEK. Slavoj. **O violento silêncio de um novo começo**. In: **Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas**. São Paulo: ed. Boitempo. 2012.